



Militar da coalizão com crianças em um mercado na cidade de Raqqa, na Síria, 13 Mar 2018. O reaparecimento de vendedores nos mercados sírios é um sinal da volta à normalidade após a vitória das Forças Democráticas Sírias sobre o Estado Islâmico. (Foto do 2º Sgt Timothy R. Koster, Exército dos EUA)

Restaurando a Ordem a Partir do Caos

As Atividades de Assuntos Cívicos do Exército dos EUA

Maj Assad A. Raza, Exército dos EUA

Desde os atentados do 11 de Setembro, as forças de Assuntos Civis (Ass Civ)* têm contribuído continuamente para o êxito de campanhas militares, com ações que englobaram desde restaurar a confiança dos afegãos locais após serem libertados do Talibã, em 2001, a entender as queixas sunitas durante o movimento conhecido como o “Despertar Sunita”, em 2006, que acabou por derrotar a Al Qaeda no Iraque. Na campanha em curso contra o Estado Islâmico (EI), as unidades de Ass Civ, atuando por meio de parceiros interorganizacionais, vêm estabilizando as áreas liberadas do controle do grupo terrorista, para impedir seu ressurgimento e manter a liberdade de ação das forças da coalizão.

Nos últimos 18 anos, os comandantes aprenderam que as atividades de Ass Civ melhoram seu entendimento do ambiente operacional. Por exemplo, o pessoal de Ass Civ pode ajudar a identificar as infraestruturas críticas, bem como desenvolver *redes* civis locais, que apoiem as iniciativas norte-americanas. Além disso, esses esforços contribuem para um entendimento em comum com os parceiros interorganizacionais, o que confere a todas as partes envolvidas oportunidades para criar formas de mitigar vulnerabilidades civis, complementando os objetivos das Forças Armadas dos EUA e do governo como um todo (*whole-of-government*). Com base nos conhecimentos adquiridos em anos de combate, as forças de Ass Civ agora precisam evoluir e identificar formas inovadoras de apoiar o Exército dos EUA (como parte de uma força conjunta) no futuro campo de batalha de múltiplos domínios.

Conforme os EUA avançam em direção à competição entre grandes potências, o Exército precisa investir em futuras capacidades de Ass Civ para entender e influenciar redes civis e facilitar a cooperação interorganizacional em operações em múltiplos domínios. Além disso, as forças de Ass Civ precisam contribuir para a postura calibrada de forças do Exército dos EUA em uma era de competição constante, a fim de ajudar a dissuadir adversários, prevenir conflitos e, se necessário, efetuar rapidamente a transição para apoiar o conflito armado, caso a dissuasão não funcione.

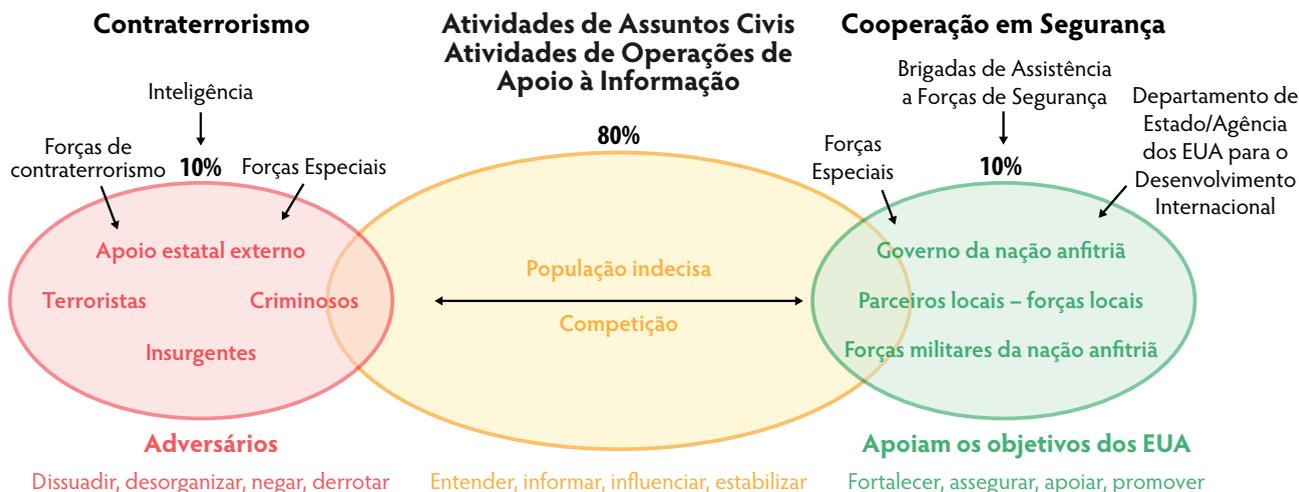
[*Diferentemente do Exército Brasileiro, o Exército dos EUA conta com forças especializadas em Ass Civ — N. do T.]

Diretrizes do Departamento de Defesa e do Comando de Operações Especiais dos EUA

A Diretriz 2000.13 do Departamento de Defesa, *Assuntos Civis* (DODD 2000.13, *Civil Affairs*), determina que os comandantes dos comandos conjuntos regionais realizem operações de Ass Civ em suas áreas de responsabilidade. Essa diretriz confere aos comandantes a autoridade para integrar as forças de Ass Civ com forças militares ou parceiros interagências, a fim de apoiar os objetivos do Departamento de Defesa e embaixadas dos EUA ao longo do espectro dos conflitos. Por essa razão, os comandantes podem empregar forças de Ass Civ como parte de uma força-tarefa conjunta ou de forma independente, para apoiar a ação unificada na competição entre grandes potências¹.

Com base na Diretriz 2000.13 do Departamento de Defesa, o Comando de Operações Especiais dos EUA (*U.S. Special Operations Command* — *USSOCOM*) elaborou sua Diretriz 525-38, *Engajamento Civil-Militar* (*USSOCOM Directive 525-38, Civil Military Engagement*), que descreve um programa sobre o tema. A Diretriz 525-38 do USSOCOM reforça as estratégias do Departamento de Defesa e embaixadas dos EUA, estipulando que as forças de Ass Civ trabalhem junto e por meio de parceiros de ação unificada para moldar as condições e influenciar as populações e instituições locais em apoio ao objetivo de um comandante no ambiente operacional². Essas diretrizes proporcionam às forças de Ass Civ a flexibilidade para trabalhar com parceiros interorganizacionais, que abarcam departamentos e agências governamentais dos EUA, instituições locais, organizações internacionais e não governamentais e a iniciativa privada³. Assim, as forças de Ass Civ são vitais para

O Maj Assad Raza, do Exército dos EUA, serve, atualmente, como Oficial de Assuntos Civis junto ao Western Hemisphere Institute for Security Cooperation (WHINSEC). Concluiu o bacharelado em Psicologia pela University of Tampa e o mestrado em Diplomacia, com especialização em Gestão de Conflitos Internacionais, pela Norwich University. O Maj Raza serviu na 82ª Divisão Aeroterrestre, 96º Batalhão de Assuntos Civis e 5º Grupo de Forças Especiais.



(Figura original do oficial francês Ten Cel David Galula, adaptada pelo autor. População por porcentagem: 10% apoiam o adversário, 80% são neutros e 10% apoiam os objetivos dos EUA. Obs.: As porcentagens representam populações. Não representam outras organizações intergovernamentais/organizações não governamentais.)

Figura 1. Diagrama Modificado da Teoria 10-80-10

desenvolver fortes parceiros militares e civis locais, essenciais para o enfrentamento de futuros desafios, como combater a expansão russa e chinesa em Estados vulneráveis.

Papel de Assuntos Civis

As forças de Ass Civ, sejam convencionais ou de operações especiais, são especializadas em três atividades vitais para moldar e influenciar o ambiente operacional: reconhecimento do ambiente civil, engajamento civil e gestão da informação civil. O Manual de Campanha 3-57, *Operações de Assuntos Civis* (FM 3-57, *Civil Affairs Operations*), define essas atividades da seguinte forma:

- Reconhecimento do Ambiente Civil.** O Reconhecimento do Ambiente Civil é uma observação e avaliação direcionada, planejada e coordenada de aspectos civis específicos do ambiente, com o objetivo de colher informações civis para aumentar o entendimento situacional e facilitar a tomada de decisões. Possíveis fontes de informações civis incluem análises de áreas, estruturas, capacidades, organizações, pessoas e eventos (AECOPE).
- Engajamento Civil.** O Engajamento Civil inclui as interações planejadas e direcionadas que promovem o desenvolvimento de relacionamentos entre as forças militares, os

parceiros de ação unificada, as populações e instituições locais e o sistema interagências, a fim de reduzir os impactos civis sobre operações militares em curso ou previstas e mitigar o impacto militar sobre a população civil. [...] Pode ser realizado pessoalmente ou por outros meios de comunicação.

Gestão da Informação Civil. A gestão da informação civil é o processo pelo qual os dados relativos ao componente civil são colhidos, compilados, processados, analisados, convertidos em produtos informacionais e disseminados. Os dados são utilizados na análise de considerações civis durante a formulação de possíveis linhas de ação, para determinar o impacto de operações militares e fornecer atualizações sobre o componente civil do ambiente operacional, com a finalidade de melhorar o cenário operativo comum do comandante⁴.

A combinação dessas atividades de Ass Civ proporciona aos comandantes e parceiros de ação unificada um entendimento compartilhado sobre o componente civil do ambiente operacional. As forças de Ass Civ cumprem esse objetivo continuamente mediante o reconhecimento e engajamento civil, para criar um quadro fiel do ambiente civil e fornecer-lhes informações cruciais sobre o contexto no terreno. As



informações civis colhidas são analisadas e integradas nas operações e processos de inteligência, a fim de apoiar as decisões do comandante e garantir a unidade de esforços para o cumprimento da missão.

Atividades Recentes de Assuntos Civis

Durante a Guerra Global contra o Terror, as forças de Ass Civ utilizaram informações obtidas por meio de uma gama de atividades para melhorar o entendimento dos comandantes sobre o ambiente operacional e facilitar o compartilhamento de informações com parceiros conjuntos, interorganizacionais e multinacionais, com o intuito de otimizar recursos em prol de objetivos em comum. Conforme demonstra a figura 1, as atividades de Ass Civ variam ao longo de todos os aspectos do componente civil do ambiente operacional. Assim, as forças de Ass Civ buscam informações do componente civil, que inclui tanto as áreas pró-EUA e pró-coalizão quanto os centros populacionais favoráveis aos objetivos dos adversários. Portanto, as forças de Ass Civ colhem e analisam informações civis continuamente para melhorar o entendimento dos comandantes militares

Oficial de Assuntos Civis do 96º Batalhão de Assuntos Civis entrega cloreto de sódio a um funcionário do Hospital de Pediatria e Maternidade em Najaf, no Iraque, 22 Abr 2003. (Foto do 2º Sgt Kyle Davis, Exército dos EUA)

sobre a dinâmica sociopolítica local de um ambiente operacional complexo. As unidades de Ass Civ compartilham essas informações com os parceiros conjuntos, interorganizacionais e multinacionais, para facilitar a cooperação em áreas de interesse mútuo e estabelecer a confiança junto a organizações civis e militares.

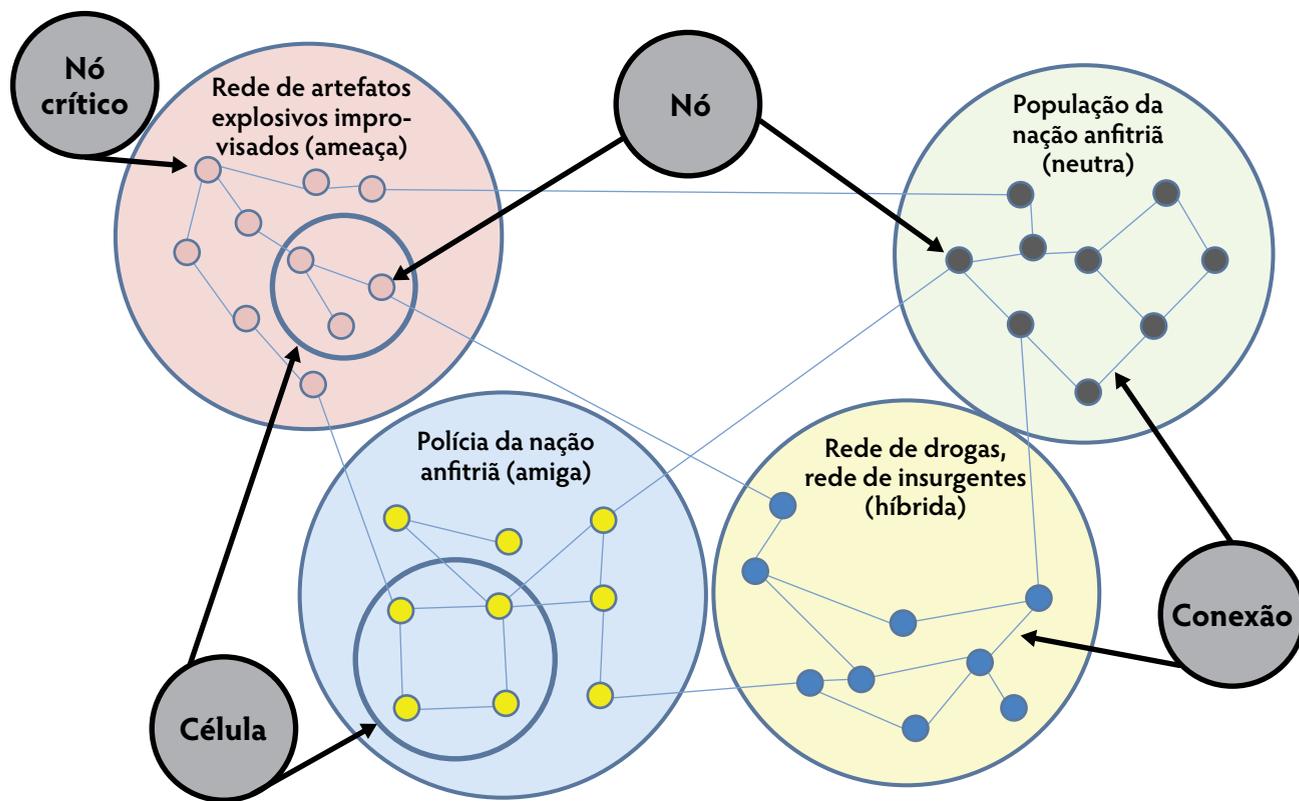
No Afeganistão, no Iraque e na Síria, forças de Ass Civ ajudaram a sincronizar as ações humanitárias para atender às necessidades imediatas das populações e mitigar os efeitos das operações de combate. As forças de Ass Civ nessas operações de contingência foram, frequentemente, as primeiras tropas norte-americanas no terreno, colhendo informações em tempo real por meio de atividades de reconhecimento e engajamento civil. Essas atividades forneceram à Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (*U.S. Agency for International Development — USAID*) informações essenciais para planejar as ações de socorro em desastres no exterior, que ajudaram a aliviar o sofrimento nessas áreas pós-conflito⁵.

No Afeganistão, as forças de Ass Civ cooperaram com empresas privadas de telecomunicações em apoio a seus esforços para prestar serviços de telefonia celular por toda a região. As forças de Ass Civ compartilharam informações com essas empresas para ajudá-las a identificar áreas seguras para a construção da infraestrutura de telecomunicações. À medida que essas empresas foram construindo torres de telefonia celular em áreas rurais, seus serviços complementaram tanto os objetivos de segurança do comandante da força terrestre quanto as iniciativas locais de governança, que geraram oportunidades de emprego, aumentaram a comunicação e levaram ao crescimento econômico local, ajudando a neutralizar a influência do Talibã⁶.

Em 2006, conforme aumentaram as ameaças de artefatos explosivos improvisados (AEI, ou IED, na sigla em inglês) em todo o Iraque, as forças de Ass Civ se tornaram vitais em seu combate. Um dos principais esforços desenvolvidos pela Organização Conjunta de Combate aos AEI foi o de “atacar a rede”⁷. Por causa do acesso e extensas redes locais

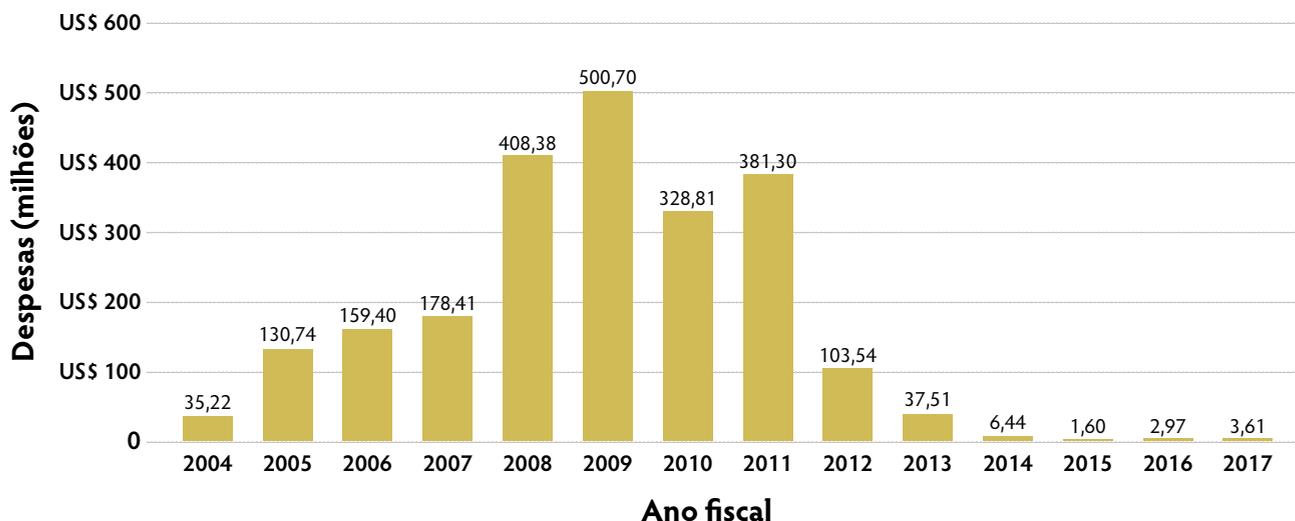
das forças de Ass Civ, foi fácil mapear a geografia humana e identificar relacionamentos baseados em características em comum, como parentesco e laços culturais ou de negócios. Conforme ilustra a figura 2, a identificação e disseminação dessas conexões e nós entre as redes humanas para outras entidades do Departamento de Defesa dos EUA proporcionaram um melhor entendimento da situação aos comandantes⁸. Além disso, o cruzamento desses conhecimentos civis com outras informações cruciais levou a oportunidades na seleção de alvos letais e não letais para “atacar a rede”. Estes últimos, acrescidos do contínuo engajamento civil e mais oportunidades de emprego para as populações locais, contribuíram para as condições de segurança desejadas e a redução da violência observada no Iraque em 2010.

No início da campanha *Defeat IS*, na Síria, as forças de Ass Civ utilizaram as mídias sociais para monitorar a opinião das populações locais em áreas controladas pelo EI. A cooperação entre operações psicológicas, operações de internet do Comando Central dos EUA e Ass Civ gerou um mecanismo



(Figura do Centro de Excelência de Manobra, Forte Benning, Estado da Geórgia)

Figura 2. Interagindo com Redes Humanas



(Figura do Inspetor Geral Especial para a Reconstrução do Afeganistão, Departamento de Defesa)

Figura 3. Despesas do Programa de Resposta de Emergência dos Comandantes no Afeganistão (CERP) de 2004 a 2017

para analisar as informações das mídias sociais sobre o modo pelo qual as ações tanto do EI quanto da coalizão afetaram as populações locais durante a campanha aérea. Além disso, os dados das mídias sociais foram utilizados para informar os comandantes sobre as percepções locais em relação às operações das forças parceiras e da coalizão, monitorar o movimento de civis deslocados e aumentar a colaboração em atividades de Ass Civ com seleção de alvos letais e não letais⁹.

Imediatamente após a libertação de Raqqa, na Síria, em 20 Out 2017, as forças de Ass Civ ajudaram os comandantes das forças terrestres a analisar o ambiente operacional pós-EI¹⁰. Essas equipes de Ass Civ, em cooperação com as Forças Democráticas Sírias, colheram informações sobre as condições da infraestrutura local, desde estradas bloqueadas por destroços até o monitoramento do rápido retorno dos habitantes para a área destruída. Além disso, as atividades de Ass Civ ampliaram o alcance das plataformas da USAID/Departamento de Estado por meio do reconhecimento e engajamento civil em áreas libertadas em toda a Síria. As informações em tempo real forneceram os dados necessários para que os parceiros interagências pudessem melhorar a coordenação da programação, a fim de atender às necessidades imediatas das populações locais, ao estabelecerem a unidade da Equipe de Transição de Assistência e Resposta na Síria – Avançada (*Syria*

Transition Assistance Response Team–Forward — START-FWD). Após a unidade se tornar plenamente funcional, o relacionamento apoiou o compartilhamento de informações e recursos para alcançar a unidade de esforços em busca de objetivos em comum. Conforme observado em um artigo publicado no *Small Wars Journal*:

A START-FWD oferece um bom modelo para futuros esforços. Reconhecendo a necessidade de enviar civis do Departamento de Estado e USAID com as forças militares, para planejar e monitorar as atividades de estabilização, assistência humanitária e diplomacia junto a parceiros locais, o Elemento de Apoio Civil-Militar forneceu um crucial apoio administrativo e operacional à Força-Tarefa Conjunta de Operações Especiais – Operação *Inherent Resolve* (SOJTF-OIR) para a START-FWD¹¹.

A colaboração entre a START-FWD e as forças de Ass Civ foi fundamental para a consolidação de ganhos nessas áreas afetadas da Síria, após sua libertação do controle do EI.

Conforme as operações de combate avançaram no nordeste da Síria, as forças de Ass Civ também assessoraram no treinamento das forças de segurança internas locais em operações civis-militares. O desenvolvimento da capacidade em operações

civis-militares das forças de segurança internas lhes conferiu a oportunidade para aumentar o apoio do público e promover sua legitimidade junto à população local. Além disso, concedeu às equipes de Ass Civ um outro meio de monitorar e validar as queixas locais, que poderiam ter contribuído para a instabilidade em uma área extremamente vulnerável, devido a tensões profundamente arraigadas entre árabes e curdos. Essas atividades também apoiaram as iniciativas de operações psicológicas e comunicação social, ao proporcionar o acesso e as informações necessárias para a divulgação de comunicados positivos à imprensa, tanto local quando internacionalmente, a fim de aumentar a credibilidade dos parceiros curdos na campanha *Defeat IS*.

Riscos Operacionais

Durante a Guerra Global contra o Terror, as forças de Ass Civ identificaram diversos desafios, que colocaram esses tipos de atividade em risco. As possibilidades identificadas a seguir não representam todos os potenciais riscos que poderiam afetar o emprego das forças de Ass Civ, mas podem ser utilizadas para formular soluções que otimizem essa capacidade especial em apoio a operações em múltiplos domínios.

Assuntos civis X operações letais. O primeiro desafio foi o fato de que, embora tenham produzido resultados sustentáveis no passado, as atividades de Ass Civ foram, de modo geral, ofuscadas pelas operações letais. O relatório do Inspetor Geral Especial para a Reconstrução do Afeganistão, John F. Sopko, publicado em maio de 2018, descreveu, explicitamente, como as ações agressivas de uma brigada *Stryker* do Exército dos EUA em Kandahar foram tão contraproducentes que frustraram qualquer chance de êxito em sua área de operações¹². No mesmo relatório, Sopko descreveu como as Forças de Operações Especiais dos EUA, posteriormente com a missão de Operações de Estabilização das Aldeias, se dedicaram ao treinamento da Polícia Local Afegã, ofuscando o componente da missão voltado à governança e ao desenvolvimento:

A governança e o desenvolvimento não apenas passaram a receber menor ênfase à medida que a Polícia Local Afegã foi crescendo, mas até mesmo a ideia de governança representativa dentro da própria organização se tornou secundária. Por exemplo,

segundo o Cel Bradley Moses, Comandante do 3º Grupo de Forças Especiais, por causa do rápido desenvolvimento da Polícia Local Afegã, alguns de seus integrantes não pertenciam à aldeia ou grupo de aldeias que eles foram incumbidos de proteger, prejudicando uma premissa fundamental do programa. Conforme observou uma autoridade militar, “No nível tanto estratégico quanto operacional, a execução correta das Operações de Estabilização de Aldeias/Polícia Local Afegã passou a ser algo secundário a executá-las rapidamente”¹³.

Equipes civis-militares. Um segundo desafio foi o estabelecimento, em tempo hábil, de equipes civis-militares que incluíssem representantes do Departamento de Estado e USAID. A história demonstra que equipes integradas de civis e militares foram necessárias para consolidar ganhos imediatamente após as hostilidades. Exemplos incluem o programa norte-americano de Apoio às Operações Civis e ao Desenvolvimento Revolucionário, no Vietnã; as equipes de reconstrução provincial, no Iraque e no Afeganistão; e a colaboração entre as forças de Ass Civ e a START-FWD, na Síria. Entretanto, a criação dessas equipes deve ocorrer logo no início, quando as tropas ainda estiverem nos EUA, preparando-se para o desdobramento, a fim de otimizar a colaboração e estabelecer um entendimento compartilhado entre homólogos civis e militares antes de seu envio para o exterior. A coordenação no início do processo pode fornecer um melhor entendimento aos comandantes quanto às políticas e fontes de verbas, antes da condução de operações militares. Também auxiliará os planejadores militares na previsão de necessidades, para ajudar com a movimentação de recursos, e no estabelecimento de processos para a assistência humanitária, em apoio ao Departamento de Estado ou USAID.

Inflexibilidade no uso de verbas. Um terceiro desafio foi a falta de flexibilidade no uso de verbas que permitisse que as forças de Ass Civ na Síria aliviassem, rapidamente, o sofrimento humano e controlassem danos colaterais para apoiar a liberdade de ação da força conjunta. No Iraque e no Afeganistão, as forças de Ass Civ utilizaram verbas do Programa de Resposta de Emergência do Comandante (*Commander's Emergency Response Program*) para implementar, rapidamente,

projetos em apoio a uma iniciativa do comandante. Contudo, depois que o Departamento de Defesa transformou o dinheiro em um “sistema de armas” em 2009, os comandantes se sentiram pressionados a gastá-lo livremente, sem critérios para medir a efetividade de seu emprego, por considerarem os valores gastos como progresso no terreno, como mostra a figura 3¹⁴. A quantidade insuficiente de forças de Ass Civ treinadas, que pudessem assessorar os comandantes quanto ao uso eficaz de verbas, aliada ao fato de alguns deles não aceitarem seus conselhos, contribuiu para a aplicação inadequada do programa. O excesso de gastos e a inexistência de meios para medir a efetividade dos projetos contribuíram para a dependência das forças de Ass Civ em relação à USAID e outras agências na identificação de recursos que complementassem os objetivos dos comandantes. Contudo, essa dependência acarreta um risco, porque os comandantes podem não contar com os recursos ou verbas necessárias para apoiar suas operações militares.

Aproveitar a Oportunidade

Conforme o Exército dos EUA passar a conduzir operações em múltiplos domínios ao longo de todo o espectro dos conflitos, ele terá de investir em suas forças de Ass Civ. Além disso, precisará incluir operações de Ass Civ no início do processo como parte de sua estratégia de engajamento para combater a influência dos adversários e competir de modo mais eficaz em níveis abaixo do conflito armado. É vital que se efetue um persistente engajamento civil logo no início, porque as forças de Ass Civ são fundamentais na compreensão da geografia humana e exploração das redes civis para o êxito na execução das operações militares. O Panfleto 525-3-1 do Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA (*U.S. Army Training and Doctrine Command — TRADOC*), *O Exército dos EUA nas Operações em Múltiplos Domínios 2028* (Pamphlet 525-3-1, *The U.S. Army in Multi-Domain Operations 2028*), destaca a importância de entender a infraestrutura local e as redes civis:

“As forças de Ass Civ em todos os escalões são vitais na condução do engajamento civil para promover o relacionamento entre as forças militares e o componente civil.”

Compartilhamento de informações. O último problema é o constante desafio de compartilhar informações entre todas as partes envolvidas, do setor interagências à iniciativa privada e até entre organizações militares. Alguns dos desafios incluem a aplicação excessiva de classificação sigilosa a materiais do Departamento de Defesa, o acesso a bancos de dados e as atitudes organizacionais dentro dos comandos apoiados. Esses desafios retardam o compartilhamento de informações civis com parceiros com quem o pessoal de Ass Civ precisa sincronizar suas ações para atuar em áreas onde os interesses se cruzam. O atraso ou falta de mecanismos de compartilhamento também impedem que parceiros, especialmente os multinacionais, passem informações para as forças de Ass Civ que possam preencher lacunas ou que eles disponibilizem recursos, limitando, assim, o entendimento do comandante quanto ao ambiente operacional e deixando de otimizar, plenamente, o uso de parcerias interorganizacionais para obter a unidade de esforços.

Analisar o ambiente operacional e as redes civis. Todos os escalões das forças de presença avançada realizam a análise do terreno e a familiarização com o território amigo ameaçado por um adversário. Esse esforço gera as informações necessárias que capacitam o Comandante da Força Conjunta a visualizar o ambiente tridimensional e de múltiplos domínios com o grau de detalhe adequado à execução tática e planejamento operacional. O terreno urbano de alta densidade requer outras atividades preparatórias de inteligência para possibilitar o entendimento dos detalhes humanos, sociais e de infraestrutura. O Exército de Campanha concentra a preparação de inteligência do campo de batalha em áreas urbanas selecionadas, em geral, por sua extrema importância estratégica e operacional no conflito¹⁵.

As forças de Ass Civ em todos os escalões são vitais na condução do engajamento civil para promover o relacionamento entre as forças militares e o componente civil. Nas operações em múltiplos domínios, o setor de Ass Civ precisa realizar essas atividades de engajamento em todo o domínio cibernético e ambiente informacional, a fim de alcançar uma posição de relativa vantagem para a força conjunta e parceiros de ação unificada durante a competição ou o conflito armado¹⁶. Segundo o Panfleto 525-3-1 do TRADOC, o “engajamento capacita as forças norte-americanas a superar o adversário em manobra de maneira tanto cognitiva quanto física e virtual, para dissuadir, neutralizar e impedir a escalada de violência na competição e para derrotar o inimigo, se não for possível evitar o conflito armado”¹⁷.

Os conhecimentos adquiridos desde o 11 de Setembro demonstraram a importância da tecnologia no ambiente operacional. O atendimento à necessidade crítica de uma conectividade confiável por meio de celulares e banda larga sem fio contribui para a estabilização e consolidação de ganhos. A conectividade ajuda os indivíduos afetados pelas hostilidades a encontrarem parentes deslocados, possibilita as atividades de socorro e assistência humanitária e gera oportunidades econômicas e educacionais durante os esforços de recuperação. Além disso, a internet oferece um outro meio para que as forças de Ass Civ possam monitorar a opinião local, cruzar dados sobre fontes de instabilidade e compartilhar informações cruciais com parceiros locais e não governamentais para explorar seus recursos. Portanto, o Exército precisa identificar, desenvolver e integrar novas tecnologias para possibilitar atividades de Ass Civ em múltiplos domínios. As novas tecnologias são essenciais para que as forças de Ass Civ possam adquirir, processar e compartilhar informações cruciais que ajudem a entender e influenciar o futuro ambiente operacional.

Ao longo da última década, as mídias sociais têm desempenhado um papel cada vez mais crucial na influência sobre resultados políticos. Por essa razão, as forças de Ass Civ devem trabalhar estreitamente com outros órgãos governamentais norte-americanos para identificar uma plataforma comum que seja compatível com os sistemas do Departamento de Defesa e do Departamento de

Estado, com o objetivo de monitorar e analisar a opinião pública no ambiente operacional. Uma plataforma comum ajudaria a manter o entendimento situacional, avaliar as tendências civis e efetivamente visar aqueles componentes civis que ameacem os esforços norte-americanos com os parceiros conjuntos, interorganizacionais e multinacionais, para conservar a iniciativa na competição e alcançar os objetivos militares e do governo como um todo.

Em conclusão, o então Comandante do TRADOC, Gen Stephen J. Townsend, escreveu no prefácio do Panfleto 525-3-1:

Em uma nova era de competição entre grandes potências, os adversários de nossa nação buscam alcançar seus objetivos estratégicos, quem do conflito armado, pelo uso do engajamento em múltiplas camadas nos campos político, militar e econômico, para separar os EUA de seus parceiros. Caso o conflito ocorra, eles empregarão *múltiplas camadas de engajamento* em todos os domínios — *terrestre, marítimo, aéreo, espacial e ciberespacial* — para separar as forças dos EUA de seus aliados no tempo, espaço e função, a fim de derrotá-las¹⁸.

Na competição entre grandes potências, as forças de Ass Civ são essenciais para entender as redes civis e desenvolver a capacidade de parceiros, o que possibilitará a ampliação do espaço competitivo, para prevenir conflitos e, ao mesmo tempo, capacitar a força conjunta a efetuar uma transição rápida para o conflito armado, caso necessário. Contudo, segundo Jay Liddick, Thurman Dickerson e Linda K. Chunga: “A atual estrutura, doutrina, equipamentos e treinamento de Ass Civ são inadequados para combater futuras ameaças com poder de combate quase equiparado. A atual força de Ass Civ foi concebida e rapidamente reorganizada para apoiar o conceito de modularidade do Exército do início da década de 2000”¹⁹. Portanto, o Exército dos EUA precisa reanalisar e investir em suas forças de Ass Civ para maximizar essa capacidade especial em futuras operações em múltiplos domínios. ■

As opiniões expressas neste artigo são do autor e não refletem a política ou posição oficiais do Exército dos EUA, do Departamento de Defesa ou do Governo dos EUA.

Referências

1. Department of Defense Directive 2000.13, *Civil Affairs* (Washington, DC: U.S. Government Publishing Office [GPO], atualização em 15 maio 2017), acesso em 29 maio 2019, http://www.esd.whs.mil/Portals/54/Documents/DD/issuances/dodd/200013_2014.pdf.
2. United States Special Operations Command (USSOCOM) Directive 525-38, *Civil Military Engagement* (MacDill Air Force Base, FL: USSOCOM, Nov. 2012).
3. Joint Publication 3-08, *Interorganizational Cooperation* (Washington, DC: U.S. GPO, 12 Oct. 2016).
4. Field Manual (FM) 3-57, *Civil Affairs Operations* (Washington, DC: U.S. GPO, 17 Apr. 2019), 1-3 a 1-4. Além disso, o Manual de Campanha 3-57 define as atividades de Ass Civ como "atividades especificamente planejadas, executadas e analisadas pelo setor de Assuntos Civis, que apoiam o comandante a fim de sincronizar, coordenar e integrar as populações e instituições locais, os parceiros de ações unificadas e o sistema interagências" (1-3).
5. "USAID Office of Foreign Disaster Assistance Factsheet", U.S. Agency for International Development (USAID), p. 1, acesso em 29 maio 2019, https://www.usaid.gov/sites/default/files/documents/1866/OFDA_Fact_Sheet.pdf. Segundo a USAID, a "USAID/OFDA lidera e coordena os esforços de assistência humanitária do governo dos EUA no exterior".
6. Javid Hamdard, *The State of Telecommunications and Internet in Afghanistan 6 Years Later (2006-2012)* (Washington, DC: USAID, Mar. 2012), acesso em 29 maio 2019, [https://www.usaid.gov/sites/default/files/documents/1871/The%20State%20of%20Telecoms%20and%20Internet%20in%20Afghanistan%20\(2006-2012\)%20Low-Res.pdf](https://www.usaid.gov/sites/default/files/documents/1871/The%20State%20of%20Telecoms%20and%20Internet%20in%20Afghanistan%20(2006-2012)%20Low-Res.pdf).
7. U.S. House of Representatives Committee on Armed Services-Subcommittee on Oversight & Investigation, *The Joint Improvised Explosive Device Defeat Organization: DOD's Fight against IEDs Today and Tomorrow* (Washington, DC: House Armed Services Committee, Nov. 2008), acesso em 29 maio 2019, https://armedservices.house.gov/_cache/files/c/f/cfddccb2-fc15-4a3d-b7e3-50fe3ea68eca/D09F0BEF55D1B39D2CC196408918781D.jjeddo-report-11-08-vf.pdf.
8. "MCoE Network Engagement", Maneuver Center of Excellence, acesso em 29 maio 2019, <https://atn.army.mil/getattachment/Network-Engagement/Network-Engagement/MCoE-Network-Engagement-Graphic.pdf?lang=en-US>.
9. Karen Parrish, "CENTCOM Counters ISIL Propaganda", Department of Defense News, 6 Jul. 2016, acesso em 29 maio 2019, <https://www.dod.defense.gov/News/Article/Article/827761/centcom-counters-isil-propaganda/>.
10. U.S. Central Command, "Syrian Democratic Forces Liberate Raqqa", news release no. 17-409, 20 Oct. 2017, acesso em 29 maio 2019, <https://www.centcom.mil/MEDIA/PRESS-RELEASES/Press-Release-View/Article/1349047/syrian-democratic-forces-liberate-raqqa/>.
11. Kevin Melton et al., "A New U.S. Framework for Stabilization: Opportunities for Civil Affairs", Small Wars Journal, acesso em 29 maio 2019, https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/new-us-framework-stabilization-opportunities-civil-affairs?fbclid=IwAR3mff2w9bd0_YapN_OrW0_LZzLBuy-Eiyw0Am1F9e-MX6or_By58X04v7WQ.
12. Special Inspector General for Afghanistan Reconstruction, *Stabilization: Lessons from The U.S. Experience in Afghanistan* (Washington, DC: U.S. GPO, May 2018), p. 63, acesso em 29 maio 2019, <https://www.sigar.mil/pdf/lessonslearned/SIGAR-18-48-LL.pdf>.
13. *Ibid.*, p. 115-16.
14. *Ibid.*, p. 91-95.
15. U.S. Army Training and Doctrine Command (TRADOC) Pamphlet 525-3-1, *The U.S. Army in Multi-Domain Operations 2028* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 6 Dec. 2018), p. 28.
16. *Ibid.*, C-10.
17. *Ibid.*
18. *Ibid.*, p. iii.
19. Jay Liddick, Thurman "Scott" Dickerson e Linda K. Chung, "Calibrating Civil Affairs Forces for Lethality in Large Scale Combat Operations", Small Wars Journal, acesso em 29 maio 2019, <https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/calibrating-civil-affairs-forces-lethality-large-scale-combat-operations>.